

## VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES TRANS E TRAVESTIS: UMA REVISÃO DE ESCOPO

### *VIOLENCE AGAINST TRANS WOMEN AND TRAVESTIS: A SCOPING REVIEW*

Lidyane De Oliveira Santos<sup>1</sup>

Renata Guedes Mourão Macedo<sup>2</sup>

Maria Amélia de Sousa Mascena Veras<sup>3</sup>

**Resumo:** este estudo teve como objetivo mapear a produção científica nacional e internacional sobre as formas de violência sofridas por mulheres trans e travestis no Brasil, com foco nos impactos à saúde. Trata-se de uma revisão de escopo conduzida com base na metodologia PRISMA-ScR e na estratégia PCC (População, Conceito e Contexto). Foram selecionados 34 artigos científicos publicados entre 2014 e 2024, em português, inglês e espanhol, a partir das bases PubMed, Scopus, Web of Science, BVS e SciELO. Os critérios de inclusão abrangeram estudos empíricos e revisões sistemáticas que abordassem explicitamente violências relacionadas à saúde. Os descritores utilizados incluíram “mulheres trans”, “travestis”, “violência” e “saúde”. Os resultados indicaram que as formas mais recorrentes de violência foram a física (41,2%), sexual (26,5%) e institucional (17,6%), com destaque para contextos de atendimento em saúde e segurança pública. Conclui-se que essas violências são múltiplas, interseccionais e impactam diretamente a saúde mental dessa população. O estudo contribui ao evidenciar a necessidade de políticas públicas sensíveis ao gênero e à promoção de práticas de cuidado mais inclusivas.

**Palavras-chave:** violência; mulheres trans; travestis; Brasil; revisão de escopo.

**Abstract:** this study aimed to map national and international scientific literature on the forms of violence experienced by transgender women and travestis in Brazil, with a focus on health-related impacts. A scoping review was conducted based on the PRISMA-ScR methodology and the PCC strategy (Population, Concept, and Context). A total of 34 peer-reviewed articles published between 2014 and 2024 were included, in Portuguese, English, and Spanish, retrieved from PubMed, Scopus, Web of Science, BVS, and SciELO databases. Inclusion criteria focused on empirical studies and systematic reviews explicitly addressing violence in health contexts. The main descriptors used were “transgender women,” “travestis,” “violence,” and “health.” Results indicated that the most frequently reported types of violence were physical (41.2%), sexual (26.5%), and institutional (17.6%), especially in healthcare and public security settings. The findings reveal that such violence is multiple and intersectional, directly affecting the mental health of this population. This review contributes by highlighting the urgency of gender-sensitive public policies and the promotion of more inclusive care practices.

**Keywords:** violence, transgender women, travestis, Brazil, scoping review.

<sup>1</sup>Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (2019), Especialista em Saúde Pública com ênfase na saúde da família e Neuropsicologia, mestranda em Saúde Coletiva pela Faculdade da Santa Casa de São Paulo, bolsista CAPES. Atualmente é psicóloga clínica.

<sup>2</sup>Doutora em Ciências Sociais pela USP, é professora no Departamento de Saúde Coletiva da FCMSCSP e na FESPSP, com foco em marcadores sociais da diferença, gênero e desigualdades sociais. Realizou pós-doutorado na USP sobre diversidade e políticas educacionais e estágio de pesquisa na Universidad Complutense de Madrid em 2023. Desde 2024, coordena o Instituto Walter Leser de pesquisas em ciências sociais e saúde na FESPSP.

<sup>3</sup>Mestrado em Saúde Pública pela Universidade da Califórnia Berkeley e Doutorado em Medicina pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela University of California San Francisco. Professora Adjunta do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da FCMSCSP. Coordena grupo de pesquisa NUDHES (Saúde, Sexualidade e Direitos Humanos da População LGBTQ+). Membro da Coordenação da Red Ibero-Americana de Estudios en Hombres Gay y Otros Hombres que Tienen Sexo con Hombres y Personas Trans (RIGHT). Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ - 1D) do CNPq. Latin America Caribbean Regional Councilor of The International Epidemiological Association - IEA (2023-2024)

## 1 INTRODUÇÃO

O debate sobre gênero e sexualidade tem se consolidado como um campo de intensas disputas conceituais, políticas e sociais, envolvendo categorias que atravessam a saúde, as ciências humanas e os movimentos sociais (Heilborn; Rodrigues, 2018). Ao longo do século XX e nas primeiras décadas do XXI, tanto no Brasil quanto no cenário internacional, essas categorias passaram por constantes revisões, impulsionadas por avanços acadêmicos e por lutas políticas que tensionam normas historicamente estabelecidas. Nesse contexto, estudiosos como Butler (1990) argumentam que o gênero é uma construção social reiterada por práticas discursivas e performances corporais, enquanto Connell (2012) chama atenção para as dinâmicas de poder que mantêm as desigualdades de gênero. Butler (2010, p. 59) define gênero como “uma série de performances repetidas do corpo dentro de uma estrutura reguladora rígida, que ao longo do tempo cria a ilusão de uma substância ou classe natural de ser”.

Essas contribuições teóricas têm influenciado mudanças significativas no campo da saúde, especialmente no que se refere ao reconhecimento das identidades de gênero. Um marco importante foi a adoção da Classificação Internacional de Doenças 11ª edição (CID-11) pela Organização Mundial da Saúde, em 2019, que retirou a identidade trans da categoria de transtornos mentais, realocando-a como uma condição relativa à saúde sexual (WHO, 2019). Apesar desse avanço, o Brasil permanece como um dos países mais violentos para pessoas trans, especialmente mulheres trans e travestis. Como aponta Rocon (2018), a transfobia institucional, o desrespeito ao nome social e os retrocessos legislativos evidenciam a persistência de práticas excludentes e discriminatórias nos serviços de saúde.

Diante dessa realidade, a literatura tem destacado formas de resistência e estratégias de sobrevivência mobilizadas por essas populações. Alguns estudos apontam, de modo enfático, a recente criação de algumas políticas públicas de caráter afirmativo para assegurar, ainda de modo incipiente, a subsistência a pessoas trans no Brasil (Gonçalves, 2018; 2023; Pedra *et al.*, 2018; Gonçalves; Trujillo, 2020; Avelar *et al.*, 2022; Maidel, 2022; Rodrigues Gonçalves; Meira, 2025). Para os autores, as políticas analisadas –embora necessárias– ainda não atendem boa parte das reivindicações desta comunidade. Outros autores, como Jesus (2016), analisam as microrrevoluções cotidianas das travestis, que, mesmo em contextos de marginalização, constroem formas de existência feminina e afetiva. Esses espaços de sociabilidade, ainda que atravessados por violência, também representam possibilidades de trabalho, cuidado e pertencimento. Complementarmente, Jesus e Alves (2010) ressaltam a centralidade da luta pelo nome social como uma bandeira simbólica do movimento trans, embora reconheçam que essa conquista, isoladamente, não seja suficiente para garantir transformações estruturais frente às barreiras legais e sociais à retificação de nome e gênero.

Os dados mais recentes do Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras (2023) revelam um cenário alarmante: 145 assassinatos, dos quais 136 foram de travestis e mulheres trans, consolidando o Brasil como o país que mais mata essa população no mundo, segundo monitoramento da Transgender Europe (TGEU) desde 2008 (Benevides, 2024). Para compreender essa violência sistemática, é essencial adotar a perspectiva interseccional proposta por Crenshaw (1989), que analisa como gênero, raça, sexualidade e classe interagem para produzir múltiplas formas de opressão. Sievwright *et al.* (2022) reforçam a necessidade de intervenções em saúde que considerem o estigma interseccional, valorizando a atuação de lideranças comunitárias e práticas de cuidado baseadas na ação coletiva.

Como parte da resposta institucional a esse cenário, destaca-se o Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), criado em 2006 pelo Ministério da Saúde e integrado ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) em 2009. Esses sistemas possibilitam o mapeamento dos tipos de violência e dos perfis das vítimas (Velooso *et al.*, 2013; Brasil, s.d.), colaborando com pesquisas como as da ANTRA, que revelam que cerca de 79% das pessoas trans assassinadas nos últimos sete anos tinham entre 13 e 35 anos (Benevides, 2024). Essas mortes não são apenas estatísticas, mas o resultado de múltiplas formas de violência – física, sexual, institucional – agravadas pela omissão do Estado e a naturalização da discriminação.

Para aprofundar a compreensão sobre essas violências, Foucault (2018) oferece uma análise do poder enquanto rede de dispositivos que regulam corpos e condutas, operando na manutenção de normas sociais. Nessa linha, Schraiber *et al.* (2009, p. 1023) apontam a violência de gênero como um “ato masculino para a aculturação da mulher nos referentes do mais antigo e maior poder do masculino, que é o patriarcado”. Já a OMS (WHO, 1996) define a violência como o uso de força física ou poder que possa resultar em morte, sofrimento ou dano psicológico, definição ampliada por Minayo (2006), que destaca o impacto dessa violência no campo da saúde, mesmo que suas raízes sejam sociais e culturais.

A literatura também mostra que o enfrentamento dessa realidade depende de compromisso institucional e sensibilidade dos profissionais de saúde. Batista (2018) identifica uma lacuna significativa no envolvimento dos gestores de saúde com a pauta trans, seja por desconhecimento ou negligência. Ainda assim, existem iniciativas locais comprometidas, com criação de redes de apoio e protocolos de atendimento mais humanizados. Cabe aos profissionais de saúde não apenas atuar na identificação e cuidado frente às violências, mas também promover práticas de acolhimento e prevenção.

Diante de tal contexto, este artigo tem como objetivo mapear, por meio de uma revisão de escopo (*scoping review*), as diversas formas de violência sofridas por mulheres trans e travestis no Brasil. Os objetivos específicos são: (1) sistematizar as formas

de violência identificadas na literatura nacional; (2) explorar as divergências entre as diretrizes das políticas públicas e os resultados empíricos disponíveis; e (3) analisar o perfil das produções acadêmicas sobre o tema, considerando os períodos de publicação, métodos empregados, dados gerados e evidências relativas às experiências de violência dessa população.

## 2 METODOLOGIA

O estudo trata de uma revisão de escopo (*scoping review*), metodologia amplamente utilizada para mapear a literatura existente sobre determinado tema, colaborando na identificação e definição dos limites conceituais. Esta abordagem metodológica foi selecionada por sua capacidade de sintetizar evidências de pesquisa e identificar lacunas no conhecimento existente, especialmente em áreas complexas ou heterogêneas como a violência contra mulheres trans e travestis. Para o cumprimento das etapas metodológicas, utilizou-se de forma adaptada o manual Prisma-SCR do método Joanna Briggs (2020), que concentra 22 etapas de verificação concernentes ao título, resumo, introdução, método e discussão. Foi realizado o protocolo registrado nos repositórios de domínio público o *Open Science Framework* (OSF), garantindo a transparência, a visibilidade e o fácil acesso ao projeto.

A estruturação da pesquisa iniciou-se com a estratégia denominada População, Conceito e Contexto (PCC) para direcionar e delimitar o escopo do estudo, sendo P (população) = Mulheres trans e travestis, C (Conceito) = Violência e suas manifestações e C (contexto) = Brasil. Esta abordagem sistemática permitiu uma delimitação clara e objetiva do campo de investigação, fundamental para garantir a precisão e relevância dos resultados. O uso do acrônimo contribuiu na formulação da pergunta de pesquisa "Quais estudos têm sido realizados sobre violência contra mulheres trans e travestis no Brasil?", que direcionou as buscas de artigos indexados nas bases de dados.

A seleção das bases de dados foi realizada através da Biblioteca Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, incluindo PubMed, *Scopus*, *Web of Science*, BVS e *SciELO*. Estas bases foram escolhidas por sua abrangência, credibilidade e relevância no campo das ciências da saúde e ciências sociais, garantindo uma cobertura ampla e diversificada da literatura científica disponível.

A busca dos artigos que integram a revisão ocorreu a partir da linha de comando construída com os descritores: (*Violence*) AND (*trans OR transvestite OR transgender\**) AND (*woman OR women*) AND (*Brazil OR Brasil*). Esta estratégia de busca foi cuidadosamente elaborada para maximizar a sensibilidade e especificidade da pesquisa, garantindo a captação de estudos relevantes enquanto minimizava a inclusão de trabalhos não pertinentes.

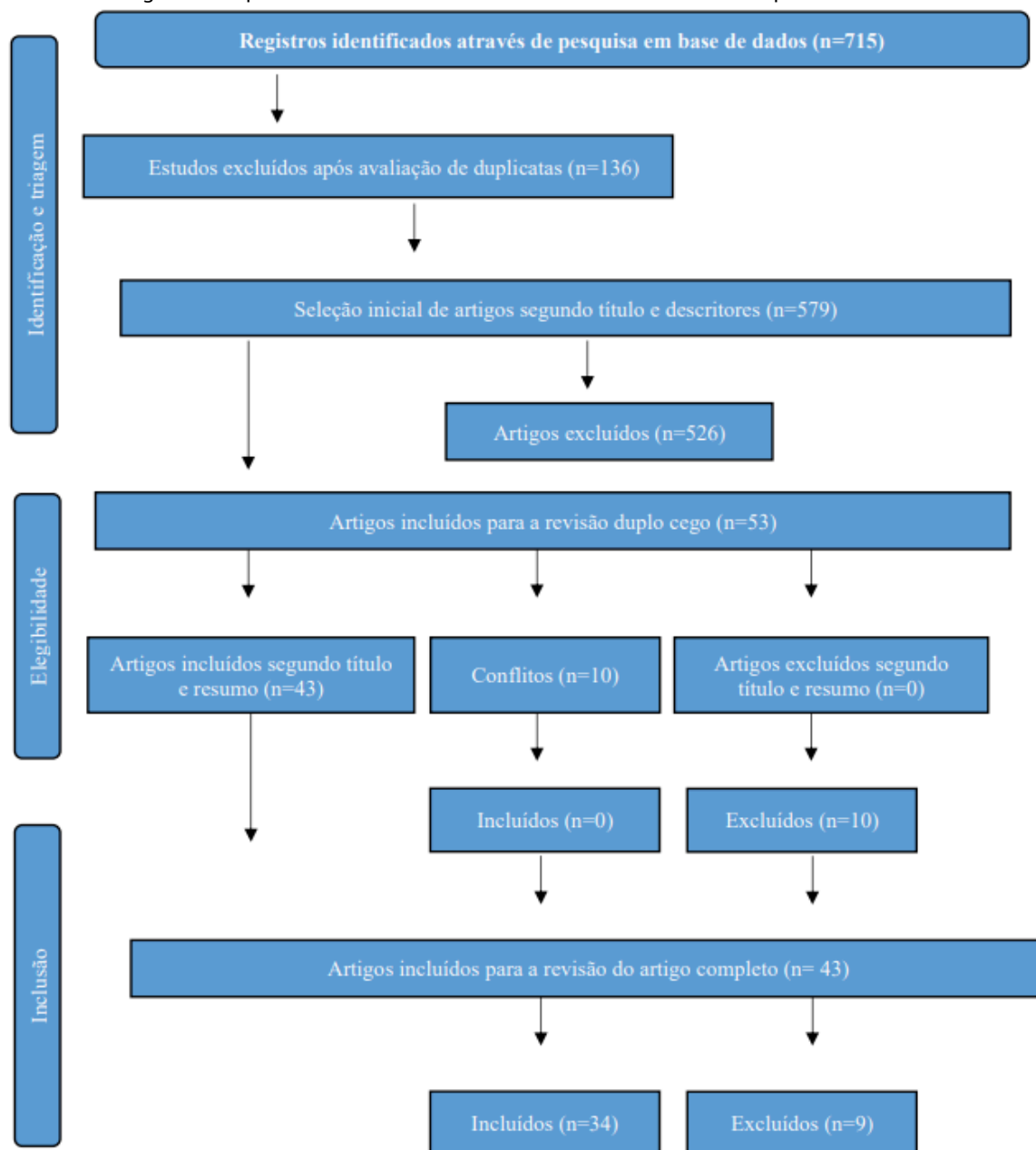
Os critérios de inclusão estabelecidos compreenderam o período de janeiro de 2014 a agosto de 2024 para publicações em português, inglês e espanhol, sucedido de avaliação duplo-cego para as etapas de avaliação de escopo. O recorte temporal estabelecido para a busca abrangeu o período de janeiro 2014 à agosto de 2024, buscando garantir uma análise abrangente do fenômeno, ao mesmo tempo em que assegurava a viabilidade da pesquisa em termos de escopo e recursos disponíveis. Esse intervalo foi selecionado por estar entre os lançamentos do CID-10 e do CID-11. Destaca-se que o CID-11, lançado em 2018, mas entrou em vigor apenas em 2022, trouxe uma mudança significativa ao substituir a categoria diagnóstica "transtorno de identidade de gênero" pelo termo "incongruência de gênero", tornando essa atualização relevante para a pesquisa.

Em relação aos resultados iniciais, foram encontrados 715 artigos, sendo 43 da PubMed, 10 da Scopus, 42 da *Web of Science*, 606 da BVS e 14 da *SciELO*. Para garantir um processo sistemático e organizado de revisão, os artigos foram salvos e processados pela plataforma Rayyan, uma ferramenta especializada para gerenciamento de revisões sistemáticas e de escopo.

O processo de seleção seguiu etapas rigorosas de filtragem. Após a remoção de 136 duplicatas, realizou-se a leitura de 579 títulos e resumos, dos quais 526 foram excluídos por não serem realizados no Brasil. Dos 53 artigos restantes, 43 foram incluídos e 10 ficaram em conflito no duplo cego, sendo posteriormente excluídos por não abordarem especificamente mulheres trans e/ou travestis ou por serem relatórios/estudos de opinião.

Na etapa final do processo de seleção, foi realizada a leitura na íntegra dos 43 artigos selecionados, resultando em 34 incluídos e 9 excluídos por não estarem diretamente relacionados à violência. Os critérios de exclusão foram rigorosamente aplicados, abrangendo: estudos não realizados no Brasil, pesquisas que não tratavam diretamente de violência, artigos fora do período estabelecido e publicações em outras línguas além das especificadas.

FIGURA 1 – Fluxograma do processo de inclusão e exclusão de revisão de escopo.



Fonte: Autoras (2025).

A análise dos artigos selecionados foi conduzida através de uma abordagem sistemática e multidimensional, considerando cinco eixos principais de violência: física, psíquica, institucional, racial e econômica. Para cada dimensão, foram estabelecidas categorias analíticas específicas que permitiram identificar padrões, frequências e interseccionalidades nas manifestações de violência. O processo analítico envolveu a extração minuciosa de dados qualitativos e quantitativos, buscando compreender não apenas a ocorrência dos diferentes tipos de violência, mas também seus contextos socioculturais, determinantes estruturais e impactos na vida das mulheres trans e travestis

no Brasil. Especial atenção foi dedicada às narrativas e experiências relatadas nos estudos, permitindo uma compreensão mais profunda das especificidades e complexidades que caracterizam as violências sofridas por essa população. A análise também considerou as interseccionalidades, como raça, classe social e território, possibilitando uma leitura interseccional dos fenômenos de violência e suas múltiplas expressões no contexto brasileiro.

### 3 RESULTADO

Os resultados identificados no escopo dos 34 artigos selecionados estão sistematicamente organizados no quadro 1 que apresenta a caracterização detalhada de cada estudo. Este instrumento analítico contempla informações essenciais, incluindo título completo da publicação, ano de divulgação, autores responsáveis, localização geográfica onde a pesquisa foi conduzida e os objetivos específicos de cada investigação. A estruturação deste quadro permite uma visualização clara e objetiva do conjunto de publicações analisadas, facilitando a identificação de padrões temporais na produção científica, a distribuição territorial dos estudos no contexto brasileiro e as principais temáticas abordadas pelos pesquisadores. Esta sistematização constitui a base fundamental para a análise aprofundada que será desenvolvida na seção de discussão, onde os achados serão interpretados e contextualizados.

QUADRO 1 – Artigos incluídos na revisão de escopo

| <b>TÍTULO</b>                                                                                                                          | <b>AUTORES</b>                                           | <b>ANO</b> | <b>LOCAL</b>                                           | <b>OBJETIVO</b>                                                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|------------|--------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Maus-tratos na infância associados à deterioração dos resultados psicossociais na vida adulta de mulheres transgênero do sul do Brasil | FONTANARI, A. M. V.; ROVARIS, D. L.; COSTA, A. B. et al. | 2018       | Porto Alegre, Brasil                                   | Caracterizar a relação entre maus-tratos na infância (CMH) e o desenvolvimento de transtornos mentais na vida adulta em mulheres trans brasileiras.                                                                |
| Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro                         | PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T.; ALBUQUERQUE, G.          | 2018       | Municípios de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará, Brasil | Determinar o perfil de violência física perpetrada contra integrantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT).                                                                                 |
| Estigma e resistência entre travestis e mulheres transexuais em Salvador, Bahia, Brasil                                                | MAGNO, L.; DOURADO, I.; SILVA, L. A. V.                  | 2018       | Salvador, Bahia, Brasil                                | Analisar suas experiências de estigmatização, descrevendo acontecimentos, atores e contextos que marcam as suas trajetórias de vida, e também compreender a relação entre o estigma e suas performances femininas. |



|                                                                                                                                      |                                   |      |                                                |                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|------|------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Barreiras de acesso na atenção primária à saúde à travestis e transexuais na região central de São Paulo                             | MAGALHÃES, L. G.                  | 2018 | São Paulo, Brasil                              | Elaborar um manual de acolhimento à população travesti e transexual para a Atenção Primária à Saúde (APS) e identificar barreiras que dificultam o acesso dessa população à APS.                                  |
| Violência e dor em narrativas de mulheres transexuais em Manaus                                                                      | SANTOS, M. G.                     | 2019 | Manaus, Brasil                                 | Análise das violências às quais essas mulheres são submetidas, identificando a articulação das violências contra essa população com o processo de risco e vulnerabilidade social a que estão expostas.            |
| Experiências de mulheres trans/travestis com acesso aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões                                | MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M.        | 2019 | Baixada Fluminense - Rio de Janeiro            | Artigo analisa as experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde e discute a discriminação sexual/de gênero e as suas demandas aos serviços de transição de gênero e prevenção da AIDS. |
| Violências, mulheres travestis, mulheres trans: problematizando binarismos, hierarquias e naturalizações                             | SOUZA, M.; PRADO, M. O.           | 2019 | Florianópolis, Brasil                          | Problematiza violências vivenciadas por pessoas que se reconhecem ou já se reconheceram como mulheres travestis e mulheres transexuais.                                                                           |
| Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil                                          | ZUCCHI, E. M. et al.              | 2019 | Sete municípios do Estado de São Paulo, Brasil | Estimar fatores associados ao bem-estar psicológico de travestis e mulheres transexuais.                                                                                                                          |
| Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial | MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. | 2020 | Brasil                                         | Descrever as características dos homicídios de LGBT ocorridos no Brasil por meio de uma análise espacial.                                                                                                         |
| As porosidades do consentimento. Pensando afetos e relações de intimidade                                                            | FERNANDES, C. et al.              | 2020 | Brasil                                         | Analisar a categoria “consentimento”, deslocando o debate dos direitos sexuais para vidas e relacionamentos íntimos.                                                                                              |



|                                                                                                                                                                                  |                                                       |      |                     |                                                                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|------|---------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nossa vida não tem sentido...: Explorando a discriminação, a violência e os desafios da saúde mental entre minorias sexuais e de gênero no Brasil                                | MALTA, M. et al.                                      | 2020 | Rio de Janeiro      | Explorar o impacto da violência e dos crimes de ódio contra minorias sexuais e de gênero no Brasil.                                                                  |
| “Tudo é violência, viver é violência”: representações sociais de mulheres em situação de rua na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte/MG sobre violência                         | TEMPONI, S. R. N.; PINHEIRO, T. M. M.; RIBEIRO, L. P. | 2020 | Belo Horizonte, MG  | Identificar a(s) representação(ões) social(ais) das mulheres em situação de rua da regional Centro-Sul de Belo Horizonte sobre a violência.                          |
| Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017 | PINTO, I. V. et al.                                   | 2020 | Brasil              | Objetivou descrever o perfil das notificações das violências contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no Brasil, entre 2015 e 2017. |
| Prevalência e fatores associados ao comportamento suicida entre mulheres trans no Rio de Janeiro, Brasil                                                                         | RAFAEL, R. M. R. et al.                               | 2021 | Rio de Janeiro      | Estimar a prevalência de comportamento suicida ao longo da vida e identificar seus fatores associados entre mulheres trans brasileiras.                              |
| Um estudo transversal sobre saúde mental e suicídio entre mulheres trans em São Paulo, Brasil                                                                                    | REIS, A. et al.                                       | 2021 | São Paulo           | Investigar fatores de risco e associações com saúde mental, ideação suicida e tentativas de suicídio entre mulheres trans na maior área metropolitana de São Paulo.  |
| Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidas por organizações não governamentais                                                                | SILVA, G. W. S. et al.                                | 2021 | Rio Grande do Norte | Analisar a prevalência e os fatores associados à ideação suicida em travestis e transexuais.                                                                         |
| A (in) visibilidade do acolhimento no âmbito da saúde: em pauta as experiências de integrantes da comunidade LGBTQIA+                                                            | SHIHADDEH, N. A.; PESSOA, E. M.; SILVA, F. F.         | 2021 | Brasil              | Investigar como os serviços de saúde podem (in) visibilizar atendimento ao público LGBTQIA+.                                                                         |

|                                                                                                                                                             |                                                   |      |                      |                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|------|----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Travestis e Mulheres Trans Negras: Vulnerabilidade, Preconceito e Discriminação                                                                             | SIQUEIRA, G. C.; MARCOLINO, A. M.; SANTOS, A. O.  | 2021 | São Paulo            | Discutir as experiências de preconceito e discriminação vividas por travestis e mulheres trans negras e suas estratégias de enfrentamento.                                                                                                 |
| Mulheres trans e banheiros públicos: o discurso jurídico e sua violência                                                                                    | BAGAGLI, B. P.; CHAVES, T. V.; FONTANA, M. G. Z.  | 2021 | Brasil               | Abordar as principais consequências que a proibição do uso de banheiros tem para a população transgênero, especificamente o acesso de mulheres transgênero ao banheiro feminino.                                                           |
| Experiências de violência contra mulheres lésbicas e bissexuais no Brasil                                                                                   | RUFINO, A. C.; FILHO, C. E. W. B. C.; MADEIRO, A. | 2022 | Brasil               | Descrever experiências de violência contra mulheres lésbicas e bissexuais no Brasil.                                                                                                                                                       |
| Associação de discriminação, violência e resiliência com sintomas depressivos entre mulheres transgênero no Rio de Janeiro, Brasil: uma análise transversal | LUZ, P. M. et al.                                 | 2022 | Rio de Janeiro       | Experiência de discriminação e violência estaria associada a sintomas depressivos e que a resiliência poderia mitigar essa associação.                                                                                                     |
| Violência interpessoal e falecimento: resultados de um estudo transversal transespecífico brasileiro                                                        | PEIXOTO, E. M. et al.                             | 2022 | Rio de Janeiro       | Investigar a associação entre pass autorrelatado e diferentes tipos de violência interpessoal.                                                                                                                                             |
| Sociedade da (des)informação: a omissão do Brasil sobre mortes trans e travestis                                                                            | GRUBBA, L. S.; PORTO, A. B.                       | 2022 | Brasil               | Visibilizar, analisar e discutir a omissão dos poderes públicos na emissão de dados a respeito da população LGBTQIA+, principalmente na informação a respeito dos assassinatos e violência contra as mulheres trans e travestis no Brasil. |
| Violência de gênero perpetrada contra mulheres trans                                                                                                        | SILVA, I. C. B. et al.                            | 2022 | Brasil               | Identificar evidências científicas sobre violência de gênero perpetrada contra mulheres trans.                                                                                                                                             |
| O vivido de mulheres trans ou travestis no acesso aos serviços públicos de saúde                                                                            | OLIVEIRA, G. S. et al.                            | 2022 | Zona da Mata Mineira | Compreender os sentidos de ser mulher trans ou travesti nos atendimentos realizados por profissionais de saúde do Sistema Único de Saúde.                                                                                                  |

|                                                                                                                                                                   |                                                                      |      |                                              |                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|------|----------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros                                                                                             | FERNANDES, H. et al.                                                 | 2022 | São Paulo, Brasil                            | Analisar o perfil sociodemográfico de pessoas homossexuais, bissexuais, travestis e transgêneros vítimas de violência interpessoal em São Paulo – SP, o contexto das ocorrências, as características dos agressores e os encaminhamentos feitos às vítimas. |
| A pandemia só deu visibilidade ao que é invisível: uma análise qualitativa da violência estrutural durante a COVID-19 e impactos na violência de gênero no Brasil | VAHEDI, L. et al.                                                    | 2023 | Roraima, Boa Vista e Rio de Janeiro - Brasil | Investigar como a pandemia de COVID-19 amplificou a violência estrutural e a violência de gênero no Brasil.                                                                                                                                                 |
| Experiências de mulheres transexuais no sistema de saúde: visibilidade em direção à equidade                                                                      | JESUS, M. K. M. R. et al.                                            | 2023 | Minas Gerais                                 | Compreender o modo como mulheres transexuais têm sido atendidas em instituições do Sistema Único de Saúde.                                                                                                                                                  |
| Entre a cruz e a espada: dimensões do aparecimento em partilhas do sensível de travestis na prostituição durante a pandemia de covid-19                           | GERMAN, T. S. P.; GARCÊZ, R. L. O.                                   | 2024 | Belo Horizonte, Brasil                       | Compreender as diferentes dimensões do aparecimento das travestis da Av. Pedro II, importante avenida da cidade de Belo Horizonte, durante a pandemia de covid-19.                                                                                          |
| Negligência, abuso e rejeição parental na infância entre mulheres transgênero: um estudo transversal no Rio de Janeiro, Brasil                                    | RAFAEL, R. M. R.; SILVA, N. L.; DEPRET, D. G. et al.                 | 2024 | Rio de Janeiro                               | Estimar as proporções de negligência, abuso e rejeição parental na infância e avaliar a co-ocorrência dessas experiências entre mulheres transgênero no Rio de Janeiro, Brasil.                                                                             |
| Correlação entre violência de gênero e resultados precários de tratamento entre mulheres transgênero vivendo com HIV no Brasil                                    | DE SOUSA MASCENA VERAS, M. A.; MENEZES, N. P.; MOCELLO, A. R. et al. | 2024 | Brasil                                       | Impacto de experiências de vida de VBG na retenção subsequente no tratamento do HIV e na supressão viral confirmada laboratorialmente entre uma amostra de mulheres transgênero vivendo com HIV (TWH) no Brasil.                                            |

|                                                                                                                                         |                                           |      |                                                                                      |                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|------|--------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Violência interpessoal em mulheres transgêneras e cisgêneras nos municípios brasileiros: tendências e características                   | MARINHO NETO, K. R. E.; GIRIANELLI, V. R. | 2024 | Brasil                                                                               | Analisar a notificação de violência interpessoal em mulheres cisgêneras e transgêneras, de 20 a 59 anos, nos municípios brasileiros, no período de 2015 a 2021.        |
| Discriminação por identidade de gênero entre mulheres trans e travestis no Brasil: uma análise de classes latentes e fatores associados | MAGNO, L. et al.                          | 2024 | Brasil                                                                               | Identificar grupos de mulheres trans e travestis (MTT) com padrões específicos de discriminação por identidade de gênero (DIG) e analisar os fatores associados à DIG. |
| Violência sexual durante a vida em mulheres trans e travestis (MTT) no Brasil: Prevalência e fatores associados                         | HENTGES, B. et al.                        | 2024 | Cinco cidades brasileiras (Campo Grande, Manaus, Porto Alegre, Salvador e São Paulo) | Descrever a prevalência, características e fatores associados à violência sexual em mulheres trans e travestis (MTT) no Brasil.                                        |

Fonte: Autores (2025)

Os 34 artigos analisados apresentaram uma diversidade metodológica, além de uma distribuição temporal e geográfica significativa. Quanto às abordagens metodológicas, identificou-se que 12 estudos (35,3%) utilizaram métodos qualitativos, empregando principalmente entrevistas em profundidade, grupos focais e análise de narrativas. Entre estes, destacam-se os trabalhos de Fontanari *et al.* (2018) em Porto Alegre e Vahedi *et al.* (2023) entre Roraima e Rio de Janeiro, que utilizaram entrevistas semiestruturadas para compreender as experiências de violência e vulnerabilidade.

Os estudos quantitativos representaram 9 artigos (26,5%), por meio de pesquisas online e análises estatísticas de dados secundários. Nesta categoria, destaca-se o trabalho de Hentges *et al.* (2024), um estudo multicêntrico que abrangeu cinco capitais brasileiras, e a pesquisa de Malta *et al.* (2020) no Rio de Janeiro, que utilizou análise estatística robusta para mapear padrões de violência.

As pesquisas com métodos mistos totalizaram 6 artigos (17,6%), combinando abordagens qualitativas e quantitativas para uma compreensão mais abrangente do fenômeno. German e Garcêz (2024), por exemplo, utilizaram questionários estruturados junto a entrevistas em profundidade para analisar os impactos da pandemia na saúde mental da população trans em Belo Horizonte.

As revisões de literatura somaram 4 artigos (11,8%), incluindo revisões sistemáticas e integrativas que contribuíram significativamente para a sistematização do conhecimento

existente. Entre estas, destaca-se o trabalho de Magno *et al.* (2024), que realizou uma revisão sistemática sobre violência institucional no sistema de saúde brasileiro.

Os estudos descritivos e exploratórios representaram 3 artigos (8,8%), baseando-se principalmente em análise documental e observação participante. Jesus *et al.* (2023) utilizaram esta abordagem para investigar barreiras institucionais em Minas Gerais, enquanto Monteiro e Brigeiro (2019) exploraram a discriminação nos serviços de saúde na Baixada Fluminense através de observação sistemática.

Em termos de distribuição temporal, observou-se um crescimento consistente nas publicações. Em 2018, foram publicados 4 artigos, incluindo os trabalhos pioneiros de Fontanari *et al.* em Porto Alegre e Magno *et al.* em Salvador. O ano de 2019 manteve o número de publicações, com destaque para os estudos de Santos em Manaus e Zucchi *et al.* em São Paulo. Em 2020, houve um aumento para 5 publicações, incluindo importantes contribuições de Mendes e Silva e Fernandes *et al.*

O ano de 2021 apresentou 6 publicações, com estudos significativos como os de Rafael *et al.* no Rio de Janeiro e Reis *et al.* em São Paulo. Em 2022, observou-se o pico de produção com 7 artigos, incluindo os trabalhos de Rufino *et al.* e Luz *et al.* no Rio de Janeiro. Em 2023, apesar do menor número (2 artigos), as contribuições foram substanciais, especialmente o estudo de Vahedi *et al.* sobre os impactos da pandemia. O ano de 2024 já conta com 6 publicações importantes, incluindo o estudo multicêntrico de Hentges *et al.*

Geograficamente, os estudos abarcaram diversas regiões do Brasil, totalizando 21 pesquisas de âmbito nacional. O Rio de Janeiro destacou-se com 6 publicações, seguido por São Paulo com 4 estudos específicos e Minas Gerais com 3 contribuições relevantes. Além disso, estados como Amazonas, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Roraima também foram contemplados, evidenciando uma ampliação regional das pesquisas.

Os tipos de violências analisadas foram diversos, com a violência física sendo documentada em 14 estudos e a violência sexual em 9 artigos. A violência institucional, presente em 6 estudos, revelou práticas sistemáticas de exclusão em serviços públicos. A violência intrafamiliar, mencionada em 3 estudos, destacou-se como um ponto crítico inicial de violação de direitos.

A relação entre violência e saúde mental foi extensivamente documentada, com diversos estudos estabelecendo correlações entre experiências de discriminação e condições como depressão, ansiedade e ideação suicida. O acesso aos serviços de saúde emergiu como tema recorrente, com pesquisas identificando desde barreiras estruturais até formas sutis de discriminação. A pandemia de COVID-19 foi analisada como um fator agravante das vulnerabilidades preexistentes, com estudos recentes demonstrando ampliação nas desigualdades e criando mais desafios para a população trans.

## 4 DISCUSSÃO

A partir do mapeamento e análise dos 34 artigos incluídos nesta revisão, emergiu um panorama multifacetado da violência contra pessoas trans no Brasil, evidenciando como este fenômeno se insere em um contexto de desigualdades estruturais, exclusão social e barreiras institucionais. Os dados analisados apontam não apenas para a persistência de práticas de violência e discriminação, mas também para nuances que demandam respostas complexas e intersetoriais.

Após a organização e análise dos resultados, foram identificadas três dimensões principais: padrões de violência e suas manifestações, impactos na saúde e acesso aos serviços de saúde; e saúde mental e sofrimento psíquico.

### 4.1 PADRÕES DE VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES

Os estudos revisados apontam que a violência física é a modalidade de agressão mais frequentemente documentada, representando 41,2% dos artigos analisados. Essa predominância pode ser atribuída à maior visibilidade desse tipo de agressão e à facilidade em comparação de seu registro em relação a formas de violência menos tangíveis. Parente *et al.* (2018) registraram que empurrões (21,8%) e socos (17,4%) foram os principais tipos de ataques sofridos por pessoas LBTT no Ceará, reforçando a gravidade dos ataques em espaços públicos.

A violência sexual, presente em 26,5% dos estudos analisados, manifesta-se de maneira transversal, frequentemente interagindo com diversos marcadores sociais, como raça, classe e ocupação. Essa intersecção evidencia como a violência sexual está inserida em contextos sociais complexos, refletindo desigualdades estruturais e dinâmicas de poder. Compreender essas interações é fundamental para desenvolver abordagens mais eficazes de prevenção e intervenção, que considerem as múltiplas facetas sociais que perpetuam esse tipo de agressão. O estudo de Hentges *et al.* (2024) revelou que 53% das mulheres trans entrevistadas sofreram violência sexual ao longo da vida, sendo que 64,4% relataram múltiplos episódios. Esses dados explicitam a vulnerabilidade acentuada pela ausência de suporte institucional e familiar.

A violência institucional foi documentada em 17,6% dos artigos, concentrando-se principalmente no âmbito da saúde e segurança pública. Estudos como o de Magalhães (2018) demonstram como práticas transfóbicas em serviços de saúde podem perpetuar ciclos de exclusão, ao negligenciar a necessidade de uso do nome social ou ao falharem na oferta de uma escuta qualificada.



## 4.2 IMPACTOS NA SAÚDE E ACESSO AOS SERVIÇOS

Os estudos analisados apontam para os impactos profundos e multidimensionais da violência sobre a saúde física e mental da população trans. A violência institucional se destaca como um fator crítico na ampliação das desigualdades em saúde. Oliveira *et al.* (2022) observaram que práticas discriminatórias em serviços de saúde resultam em situações de automedicação e abandono de tratamentos essenciais, reforçando o ciclo de vulnerabilidade.

Durante a pandemia de COVID-19, essas desigualdades foram exacerbadas, conforme demonstrado por German *et al.* (2024), que descreveram episódios de humilhação e exclusão vividos por travestis durante a pandemia. Contudo, estratégias de resistência e criação de redes de apoio também emergiram, evidenciando respostas comunitárias que buscam driblar a ineficiência institucional.

## 4.3 SAÚDE MENTAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO

A análise dos artigos evidencia um padrão consistente de comprometimento da saúde mental decorrente das múltiplas formas de violência sofridas pela população trans. O estudo de Malta *et al.* (2020) destacou uma prevalência de 66% de transtorno de ansiedade generalizada e 46% de transtorno depressivo maior entre pessoas trans, evidenciando os altos níveis de sofrimento psíquico. Além disso, 39% dos participantes apresentavam sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), reforçando a gravidade do impacto emocional das violências vividas.

Os estudos também apontam para taxas alarmantes de ideação e tentativa de suicídio. Rafael *et al.* (2021) identificaram que 47,25% das mulheres trans entrevistadas relataram pensamentos suicidas ao longo da vida, enquanto 27,25% tentaram tirar a própria vida. A violência intrafamiliar, particularmente perpetrada por familiares próximos, foi associada a uma maior prevalência de comportamentos suicidas.

Reis *et al.* (2021) analisaram a saúde mental de mulheres trans em São Paulo e observaram que mais da metade das participantes relatou sofrimento psicológico moderado a grave. A ausência de suporte social, a falta de acesso a serviços de saúde mental e o histórico de violência física e sexual foram fatores associados ao agravamento das condições psíquicas dessas mulheres.

Entretanto, alguns estudos também apontam para fatores de resiliência. O pertencimento a redes de apoio comunitárias e a afirmação de identidade por meio do uso do nome social são estratégias que contribuem para a redução do sofrimento psíquico, conforme relatado por Zucchi *et al.* (2019). Além disso, práticas de cuidado coletivo, como grupos de apoio e acompanhamento psicológico voltados às especificidades da população trans, demonstram potencial para mitigar os impactos da violência.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo realizou uma revisão sobre a violência contra pessoas trans no Brasil, destacando as múltiplas formas de opressão que essa população enfrenta, incluindo violências físicas, psicológicas, institucionais e simbólicas. A análise contemplou a importância da interseccionalidade entre gênero, raça e classe para compreender as diversas vulnerabilidades e a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e eficazes. Além disso, identificou lacunas regionais e metodológicas nas pesquisas disponíveis, evidenciando a complexidade e urgência do tema.

Os resultados demonstram que a violência contra pessoas trans vai muito além das agressões diretas, impactando profundamente sua saúde física e mental, e perpetuando ciclos de exclusão social. A pesquisa ressalta a inovação ao destacar a interseccionalidade como um componente essencial para entender essas dinâmicas e reforça a importância da transparência e da melhoria nos sistemas de monitoramento. A pandemia de COVID-19 serviu como um catalisador que expôs as fragilidades dos sistemas de proteção existentes, ampliando ainda mais as vulnerabilidades já presentes nessa população.

Entretanto, a revisão também evidencia limitações importantes, como a persistente subnotificação dos casos e a escassez de estudos longitudinais que permitam acompanhar a trajetória das pessoas trans ao longo do tempo. Esses *gaps* dificultam a formulação de políticas públicas fundamentadas em dados robustos e atualizados, o que compromete o enfrentamento eficaz da violência. O desafio, portanto, reside em aprimorar os mecanismos de coleta e registro de dados, garantindo maior abrangência e qualidade das informações.

Para superar esses obstáculos, é fundamental ampliar o foco das pesquisas, valorizando não apenas a documentação das violências, mas também as estratégias de resistência e as redes de apoio comunitárias que emergem como respostas ao contexto adverso. Recomenda-se o desenvolvimento de protocolos interseccionais e humanizados para o atendimento nos serviços de saúde e no sistema de justiça, bem como a promoção de metodologias participativas que coloquem as pessoas trans como protagonistas na produção do conhecimento. Ademais, a articulação multissetorial entre academia, movimentos sociais, poder público e sociedade civil deve ser intensificada para promover a equidade e o respeito à diversidade.

Espera-se que esta revisão contribua para o avanço do debate e inspire novas investigações que fortaleçam a promoção dos direitos e da cidadania das pessoas trans. O enfrentamento das violências estruturais requer um compromisso coletivo e contínuo, fundamental para assegurar dignidade, respeito e justiça, pavimentando o caminho para uma sociedade mais justa e igualitária.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes - Código de Financiamento 001).

## REFERÊNCIAS

BAGAGLI, B. P.; CHAVES, T. V.; FONTANA, M. G. Z. Mulheres trans e banheiros públicos: o discurso jurídico e sua violência. **Frente Social**, v. 6, 2021. DOI: 10.3389/fsoc.2021.652777. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33869591/>. Acesso em: set. 2024.

BATISTA, K. B. C.; SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Gestores de saúde e o enfrentamento da violência de gênero contra as mulheres: as políticas públicas e sua implementação em São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 8, p. e00140017, 2018.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. Brasília, DF: ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais; Distrito Drag, 2024. 125 p. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BRASIL. **Vigilância dos Acidentes e Violências**, s.d. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/vigilancia-de-doencas-cronicas-nao-transmissiveis/vigilancia-dos-acidentes-e-violencias>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**. Londres: Routledge, 1990. Disponível em: [https://lauragonzalez.com/TC/BUTLER\\_gender\\_trouble.pdf](https://lauragonzalez.com/TC/BUTLER_gender_trouble.pdf). Acesso em: 18 nov. 2024.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 2010. p. 59. Disponível em: [https://monoskop.org/images/d/df/Butler\\_Judith\\_Bodies\\_That\\_Matter\\_On\\_the\\_Discursive\\_Limits\\_of\\_Sex\\_1993.pdf](https://monoskop.org/images/d/df/Butler_Judith_Bodies_That_Matter_On_the_Discursive_Limits_of_Sex_1993.pdf). Acesso em: 18 nov. 2024.

CARVALHO, M. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos Pagu**, n. 52, p. e185211, 2018. Apud ABGLT. Glossário de termos sobre identidades de gênero e orientação sexual. São Paulo: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MyFKg4j4dBr6Zzfpb7vL9Q/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: [www.unifem.org.br/sites/1000/1070/00000011.pdf](http://www.unifem.org.br/sites/1000/1070/00000011.pdf). Acesso em: 10 mar. 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 265. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DE OLIVEIRA SANTOS, L. et al. **Violência contra mulheres trans e travestis: uma revisão de escopo**. Disponível em: [osf.io/7e3nu](https://osf.io/7e3nu). Acesso em: 25 set. 2024.

DE SOUSA MASCENA VERAS, M. A.; MENEZES, N. P.; MOCELLO, A. R. et al. Correlação entre violência de gênero e maus resultados de tratamento entre mulheres trans que vivem com HIV no Brasil. **BMC Saúde Pública**, v. 1, p. 791, 2024. DOI: 10.1186/s12889-024-18224-3. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38481195/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

FERNANDES, H. et al. Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, p. eAPE01486, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/appe/a/fr6B56LLRkFSNKxX3HNL6hH/>. Acesso em: set. 2024.

GERMAN, T. S. P.; GARCÊZ, R. L. O. Entre a cruz e a espada: dimensões do aparecimento em partilhas do sensível de travestis na prostituição durante a pandemia de covid-19. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 18, n. 1, p. 32-47, 2024. DOI: 10.29397/reciis.v18i1.3808. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3808>. Acesso em: 12 jan. 2025.

HEILBORN, M. L.; RODRIGUES, C. Gênero: breve história de um conceito. **APRENDER: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S.l.], n. 20, p. 15-29, 2018. DOI: 10.22481/aprender.v0i20.4547. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4547>. Acesso em: 12 jan. 2024.

HENTGES, B. et al. Lifetime sexual violence among transgender women and travestis (TGW) in Brazil: Prevalence and associated factors. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. e240013.supl.1, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/GjF8gPpg9qrrGKJ6qdMdQHb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: set. 2024.

JESUS, M. K. M. R. et al. Experiências de mulheres transexuais no sistema de saúde: visibilidade em direção à equidade. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e220369, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/FFLKPsJCKvKb3Hg9YbK9c5N/>. Acesso em: set. 2024.

JESUS, J. G. de; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>. Acesso em: 27 jun. 2025.

JESUS, J. G. de. Operadores do direito no atendimento às pessoas trans / Operators of law in attendance of trans people. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 3, p. 537–556, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/dep.2016.25377>. Acesso em: 27 jun. 2025.

JOANNA BRIGGS INSTITUTE. **JB I Manual for Evidence Synthesis**. Joanna Briggs Institute, 2020. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FERNANDES, C. et al. As porosidades da autorização. Pensando afetos e relações de intimidação. **Sexualidade, Saúde e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 165-193, maio 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sexs/a/vRMRnWn968gCt8XhbwH4csd/>. Acesso em: set. 2024.

FONTANARI, A. M. V.; ROVARIS, D. L.; COSTA, A. B. et al. Maus-tratos na infância associados à interferência dos resultados psicossociais na vida adulta de mulheres transexuais do sul do Brasil. **Journal of Immigrant and Minority Health**, v. 20, n. 1, p. 33-43, fev. 2018. DOI: 10.1007/s10903-016-0528-6. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27838863/>. Acesso em: set. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade do saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. p.18-19.

GRUBBA, L. S.; PORTO, A. B. Sociedade da (des)informação: a omissão do Brasil sobre mortes trans e travestis. **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 3, p. 428-452, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/view/53620>. Acesso em: set. 2024.

LUZ, P. M. et al. Associação de discriminação, violência e resiliência com sintomas depressivos entre mulheres transgêneros no Rio de Janeiro, Brasil: uma análise transversal. **Transgender Health**, v. 7, n. 1, p. 101-106, fev. 2022. DOI: 10.1089/trgh.2020.0171.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35224191/>. Acesso em: set. 2024.

MAGALHÃES, L. G. **Barreiras de acesso na atenção primária à saúde para travestis e transexuais na região central de São Paulo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Cuidado em Atenção Primária em Saúde) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/D.7.2019.tde-08052019-134851. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7144/tde-08052019-134851/pt-br.php>. Acesso em: set. 2024.

MAGNO, L.; DOURADO, I.; SILVA, L. A. V. Estigma e resistência entre travestis e mulheres transexuais em Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 5, p. e00135917, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3spHF8TDqVCvqwPSMfyZskt/>. Acesso em: set. 2024.

MAGNO, L. et al. Discrimination based on gender identity against transgender women and travestis in Brazil: a latent class analysis and associated factors. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, supl. 1, p. e240012.supl.1, 2024. DOI: 10.1590/1980-549720240012.supl.1. Disponível em: <https://scielosp.org/article/rbepid/2024.v27suppl1/e240012.supl.1/pt/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MALTA, M. et al. 'Nossa vida não tem sentido...': Explorando discriminação, violência e desafios de saúde mental entre minorias sexuais e de gênero do Brasil. **Global Public Health**, v. 15, n. 10, p. 1463-1478, 2020. DOI: 10.1080/17441692.2020.1767676. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2020.1767676>. Acesso em: set. 2024.

MARINHO NETO, K. R. E.; GIRIANELLI, V. R. Violência interpessoal em mulheres transgêneras e cisgêneras nos municípios brasileiros: tendências e características. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 7, p. e02702024, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/pBKrk44Sp87m3DQLKxy7mVP/>. Acesso em: set. 2024.

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, p. 1709-1722, maio 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4947yK7K5JTN5sHJRKTFPvD/>. Acesso em: set. 2024.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. 132 p. (Coleção Temas em Saúde). ISBN 978-85-7541-380-7. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>. Acesso em: jun. 2023.

MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e modernidade. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 4, p. e00111318, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/7Smzr3QL4tfvwZvqyKtysgt/>. Acesso em: set. 2024.

OLIVEIRA, G. S. et al. A experiência de mulheres trans ou travestis sem acesso aos serviços públicos de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, p. e20210713, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/nTprMxSFmkwk4CsxJYSH3jr/?lang=pt>. Acesso em: set. 2024.

O'MARA-EVES, A.; BIRCHALL, J.; BRUCE, T.; KAY, S.; CARR, A. Rayyan: A web-based application for systematic review management. **Journal of Software Engineering and Applications**, San Francisco, v. 8, p. 19-27, 2018. Disponível em: <https://rayyan.ai>. Acesso em: 25 set. 2024.

PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T.; ALBUQUERQUE, G. Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. **Revista de Saúde Pública** [on-line], v. 4, 2018. DOI: 10.15446/rsap.V20n4.62942. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsap.V20n4.62942>. Acesso em: set. 2024.

PEIXOTO, E. M. et al. Violência interpessoal e passagem: resultados de um estudo transespecífico brasileiro. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 37, n. 15-16, p. NP14397-NP14410, ago. 2022. DOI: 10.1177/08862605211005152. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33866890/>. Acesso em: set. 2024.

PINTO, I. V. et al. Perfil das notificações de violência em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/YV7VvNY5WYLwx4636Hq9Z5r/>. Acesso em: set. 2024.

RAFAEL, R. M. R.; SILVA, N. L.; DEPRET, D. G. et al. Childhood Parental Neglect, Abuse and Rejection Among Transgender Women: A Cross-Sectional Study in Rio de Janeiro, Brazil. **Journal of Interpersonal Violence**, artigo online avançado, 2024. DOI: 10.1177/08862605241259018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38867520/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

RAFAEL, R. M. R. et al. Prevalência e fatores associados ao comportamento suicida entre mulheres trans no Rio de Janeiro, Brasil. **PLoS One**, v. 16, n. 10, p. e0259074, 2021. DOI: 10.1371/journal.pone.0259074. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34679106/>. Acesso em: set. 2024.

REIS, A. et al. Um estudo transversal sobre saúde mental e suicídio entre mulheres trans em São Paulo, Brasil. **BMC Psychiatry**, v. 21, n. 1, p. 557, nov. 2021. DOI: 10.1186/s12888-021-03557-9. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34758758/>. Acesso em: set. 2024.

RUFINO, A. C.; FILHO, C. E. W. B. C.; MADEIRO, A. Experiências de violência contra mulheres lésbicas e bissexuais no Brasil. **Sexual Medicine**, v. 10, n. 2, p. 100479, abr. 2022. DOI: 10.1016/j.esxm.2021.100479. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35038624/>. Acesso em: set. 2024.

ROCON, Pablo Cardozo et al. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2520. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232016000802517&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000802517&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 mai. 2024.

SANTOS, M. G. **Violência e dor em narrativas de mulheres transexuais em Manaus**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/4508>. Acesso em: set. 2024.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; PORTELLA, A. P.; MENICUCCI, E. Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1023-1037, jul./ago. 2009. DOI: 10.1590/S1413-81232009000400009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400009>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SHIHADDEH, N. A.; PESSOA, E. M.; SILVA, F. F. A (in)visibilidade do acolhimento no âmbito da saúde: em pauta as experiências de membros da comunidade LGBTQIA+. **Barbarói**, n. 58, p. 172-194, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/14765>. Acesso em: set. 2024.



SIEVWRIGHT, Kirsty M. et al. An expanded definition of intersectional stigma for public health research and praxis. **American Journal of Public Health**, v. 112, n. 54, p. S356, 2022. Acesso em: <https://doi.org/10.2105/AJPH.2022.306718>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SILVA, G. W. S. et al. Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidos por organizações não governamentais. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 4955-4966, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8xXfNtVtVRbWfhcdH996qLr/>. Acesso em: set. 2024.

SILVA, I. C. B. et al. Violência de gênero perpetrada contra mulheres trans. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, p. e20210173, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/RnNr3PFBcwc9YhTx9VF8bLn/?lang=em>. Acesso em: set. 2024.

SIQUEIRA, G. C.; MARCOLINO, A. M.; SANTOS, A. O. Mulheres transexuais e travestis negras: vulnerabilidade, preconceito e discriminação. **Debates em Sociologia**, v. 52, p. 43-57, 2021. DOI: 10.18800/debatesensociologia.202101.003. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003056573>. Acesso em: set. 2024.

SOUZA, M.; PRADO, M. O. Violências, mulheres travestis, mulheres trans: problematizando binarismos, hierarquias e naturalizações. **Revista Polis e Psique**, v. 2, p. 45-66, 2019. DOI: 10.22456/2238-152X.83831. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/83831>. Acesso em: set. 2024.

TEMPONI, S. R. N.; PINHEIRO, T. M. M.; RIBEIRO, L. P. **“Tudo é violência, viver é violência”**: representações sociais de mulheres em situação de rua na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte/MG sobre violência. 2020. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Medicina Preventiva e Social, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/35118>. Acesso em: set. 2024.

VAHEDI, L. et al. “A pandemia só deu visibilidade ao que é invisível”: uma análise qualitativa da violência estrutural durante a COVID-19 e impactos na violência de gênero no Brasil. **BMC Public Health**, v. 23, n. 1, p. 1854, 2023. DOI: 10.1186/s12889-023-16675-8. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37741981/>. Acesso em: set. 2024.

VELOSO, M. M. X. et al.. Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 5, p. 1264–1265, maio 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/PkkYlHmypoSBjMW6YSvMqKKg>. Acesso em: 15 jun. 2023.

WORLD HEALTH ASSEMBLY, 49., 1996, Geneva. **Prevention of violence**: public health priority. Geneva: World Health Organization, 1996. (Resolution WHA49.25). Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/179463>. Acesso em: 25 jul. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases, Eleventh Revision (ICD-11)**. Geneva: World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/classifications/icd/en/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ZUCCHI, E. M. et al. Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 3, p. e00064618, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LqyvCfLhQNHQwb3M3zQPFFN/>. Acesso em: set. 2024.

Recebido em: 13/01/2025  
Aceito em: 29/08/2025